
“A Invisibilidade Urbana nas Representações Amazônicas: Análise do Curta Metragem ‘Dias’”¹

Ana Cláudia Oliveira NASCIMENTO²

Daniela da Costa NASCIMENTO³

Danilo Miranda CAETANO⁴

Faculdade de Estudos Avançados do Pará, Belém, PA

RESUMO

Este trabalho discute a invisibilidade urbana nas representações amazônicas, a partir da análise do curta metragem “Dias”, feita por Relivaldo Pinho sob uma perspectiva contemporânea da cidade de Belém, contrapondo-se aos discursos feitos sobre a cidade e a região amazônica que evidenciam os aspectos da sua cultura tradicional. Objetiva-se aqui, esplanar as motivações que impedem uma frequência maior de discursos contemporâneos nas diversas representações produzidas dentro e fora da Amazônia sobre a mesma região, principalmente as midiáticas. Para sustentar as análises, a bibliografia é constituída com trabalho de autores, tal como, Walter Benjamin e Fredric Jameson.

PALAVRAS-CHAVE: Representações; Urbanidade; Amazônia Belemense; Dias; em Fernando Segtowick.

1 INTRODUÇÃO

Ao notar os questionamentos de habitantes fora da região amazônica, com suas interpretações e descrições, tal como, novelas, filmes, produções audio-visuais independentes, peças publicitárias, artes visuais, etc., é possível perceber o desconhecimento sobre a realidade cotidiana urbana desse espaço, devido a predominância dos aspectos naturais, paisagísticos e míticos sempre presentes nas representações feitas por eles, datadas desde os primeiros viajantes.

Segundo (STEINBRENNER 2007, p. 2) “um olhar que percebe a região enquanto paisagem, que a prioriza enquanto bioma, mas que negligencia ou invisibiliza o

¹ Trabalho apresentado no IJ08 – Publicidade e Propaganda, da Intercom Júnior – XIV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Discente do 3º semestre do curso de Comunicação Social Publicidade e Propaganda, na Faculdade de Estudos Avançados do Pará. e-mail: ana_claudiaeb@yahoo.com.br.

³ Discente do 3º semestre do curso de Comunicação Social Publicidade e Propaganda, na Faculdade de Estudos Avançados do Pará. e-mail: dani.lomely@gmail.com.

⁴ Orientador do trabalho, professor adjunto do curso de Comunicação Social Publicidade e Propaganda, na Faculdade de Estudos Avançados do Pará. e-mail: nilocaetano@yahoo.com.br.

ser humano que a habita” só poderia ser fruto de uma invenção⁵ constituída a partir do olhar do descobridor. Além da mídia, os campos científico e político também criam discursos carregados de “centralidade ambiental que tem como efeito colateral a invisibilidade humana ou na atualidade, a opacidade da Amazônia urbana” (STEINBRENNER 2007, p. 3), mas que não serão apresentados nesta análise.

De acordo com o Censo do IBGE de 2010⁶, a região norte do Brasil possui população de 15.864.454 habitantes, equivalente 8% do total nacional. Da população total da Amazônia, 11.664.509 pessoas habitam as áreas urbanas, porém mesmo com essa constatação ainda se vê uma predominância representativa que teima em excluir o homem, trabalhando a cidade-região como personagem e tornando o sujeito que nelas vivem um mero figurante.

Mas afinal, por que ainda há nas representações da Amazônia a predominância de seus aspectos tradicionais? Por que as narrativas coerentes à realidade urbana amazônica, em especial na/da cidade de Belém são tão invisibilizadas? O configurar de uma identidade está relacionado com o seu meio e suas representações. Como um ciclo, se uma região se apresenta como fonte de recursos naturais e narrativas míticas, os esforços, na tríade política, ciência e mídia, serão para garantir que estes elementos sejam produzidos e oferecidos da melhor forma. Espera-se que uma vez representada, também como área urbana, os olhares sejam voltados às necessidades comuns de seus habitantes, aos progressos que se tem e podem ser alcançados como cidade urbana, abrindo mais espaços para a discussão e difusão do modo de vida e da produção existente em uma metrópole amazônica.

O presente artigo abordará o campo midiático, usando como objeto o curta metragem “Dias”, de acordo com a análise feita por Relivaldo Pinho, ressaltando sua importância para a autorepresentação Amazônica-belemense, fundamentalmente por narrá-la de forma pioneira, até o momento de sua produção. Para sustentar estas análises sobre o filme, foi preciso mirar em uma Belém que fugisse à sacralidade dos aspectos culturais míticos e religiosos tão caros às suas clássicas representações,

⁵ Termo usado inicialmente pelo professor Armando Mendes no ano 1974, depois assumido por Godin em 1994 e adotado por Maués em 1999. STEINBRENNER, R. “Amazônia” na Fronteira entre a Ciência e a Mídia: Submissão ou Superação do Mito? In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1949-1.pdf>>. Acesso em: 02 de julho de 2018.

⁶ Ver dados completos em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010>>. Acessado em 20.03.2017.

ampliando e ajustando o olhar para o sujeito cidadão, o habitante de uma Amazônia urbana e conflituosa.

Em um primeiro momento, em uma fase exploratória, para ampliar a visão sobre o trabalho de Segtowick e ter uma percepção menos episódica da obra do diretor, realizamos algumas sessões para vermos outros de seus filmes e também a leitura de blogs especializados em cinema que continham conteúdos a respeito dessas produções.

Ainda nessa fase recorreremos a pesquisas bibliográficas, sustentando as argumentações aqui apresentadas, em sua maior parte, na filosofia benjaminiana, com os conceitos de “Experiência” e “Vivência”, e no capítulo “Experiência e estética em Dias”, da tese de doutorado de Relivaldo Pinho de Oliveira, em que o autor trabalha a relação entre os topos urbanos e suas repercussões na condição do homem imerso nessa realidade. Leitura fundamental para uma interpretação do filme capaz de fugir aos determinismos sociologizantes, possíveis em um primeiro e rápido contato com a trama, mas que na obra de Pinho somem à medida em que ele desenvolve sua hermenêutica na relação entre a filosofia de Walter Benjamin e a antropologia de Clifford Geertz.

AS REPRESENTAÇÕES AMAZÔNICAS

A análise surge a partir do incômodo gerado pelo olhar e narração feitos pelo outro, externo à realidade amazônica, que carrega noções imagéticas da região, pré concebidas pelas produções midiáticas, políticas e científicas, reforçada pela autorepresentação dos aspectos mais relacionados ao mítico possíveis, excluindo o homem e a Amazônia urbana, nesta mesma tríade.

Este estereótipo é forjado desde o período das primeiras grandes navegações. Um lugar paradisíaco. O próprio jardim do Éden. Estranho seria, se as cartas não fossem repletas de descrições da exuberância natural desta região, de sua cativadora paisagem e dos mitos que se criavam durante as expedições.⁷ Certamente elas contribuíram com a identidade da Amazônia⁸, e a formação de uma cultura que mesmo com intervenções provenientes de pessoas que possuíam outros paradigmas socio-histórico-culturais, são riquíssimas.

⁷ Segundo os textos de CAMILO 2011, PONTE 2000 E DUTRA1999. Ver SEMINÁRIO REGIONAL DA ALAIC, 1, 2011, Belém. A Amazônia e suas representações: dos discursos das Descobertas ao imaginário popular. Belém: Mídia Cidadã, 2011.

⁸ Por vezes, há necessidade de referir à Amazônia, que abrange sete países da América latina, à Amazônia Legal, que se delimita aos sete estados brasileiros, em sua maioria da região norte e à Amazônia Belemense, onde referimo-nos à cidade de Belém considerando a pluralidade de características próprias de uma metrópole inserida em um contexto tão peculiar.

Ele está presente em grandes campanhas publicitárias, em filmes de Hollywood, em projetos para o desenvolvimento da Amazônia, em reportagens, e diversos outros espaços que se deixam representá-la, inclusive nas produções midiáticas locais, afinal de contas, retratar a cultura tradicional da região é importante para a sua valorização e consolidação. No entanto, diante dessa predominância, como já fora mencionado anteriormente, o homem do espaço urbano fica invisibilizado, por isso a relevância de se fazer a análise de um filme como esse é tão grande.

“Dias” é um filme produzido no Brasil, no ano 2000, em formato 35mm, e que tem duração de 10 minutos. Foi criado em meio às leis de incentivo ao cinema – Lei Tó Teixeira e Guilherme Paraense –, no mesmo período em que surgem outras produções paraenses como “Mulheres Choradeiras”, de Jorane Castro, “Chama Verequete”, de Luiz Arnaldo Campos e “Quero ser anjo”, de Marta Nassar, que em seus enredos e cenários aludem aos aspectos mais regionais e tradicionais da cidade de Belém. Segtowick, ao contrário, em “Dias”, mira na condição urbanoide da capital paraense, tornando-se rapidamente referência na cena cinematográfica local.

A CONTEMPORANEIDADE EM “DIAS”

“Dias” inicia com o grito de uma criança que tem seu rosto iluminado pelos faróis de um caminhão. O *take* seguinte retrata uma cidade cheia de edifícios, com um céu escuro que a tudo abarca e provoca uma atmosfera de melancolia e tensão.

Na trama, o homem urbano ganha rosto e tem seus problemas evidenciados, sem estar atrelado ao meio cultural que o cerca. Seus sentimentos, suas escolhas, ações e seu desfecho estão muito mais relacionados com o modo de vida que se tem em uma cidade “pós-moderna”. Para (Pinho 2011, p. 181) “as variadas experiências ópticas e táteis da grande cidade obrigam a um novo tipo de experiência para o indivíduo”, por essa razão, é que Laura, Patrícia e Paulo, interpretados por Sandra Barsotti, Tatiana Braun e Adriano Barros, tem suas vidas ligadas por um terrível acidente, símbolo do caos proveniente do progresso que a contemporaneidade traz. Formando um recorte da realidade dos moradores da metrópole paraense que para Pinho (2011, p. 165) “são representados em comutação com uma cidade que não é apenas cenário, mas o palco fragmentado de vidas em fragmentos”.

Os personagens em “Dias” não se conhecem, vivem em uma cidade pouco propícia para a comunhão, mas que ainda assim lhes proporciona um encontro, uma

colisão. Pinho (2011) afirma que para Simmel e Benjamin o choque não é mera "colisão" (ou uma colisão literal) nas ruas de uma cidade, mas é parte de uma nova percepção.

O choque e a vivência da cidade moderna estão profundamente relacionados em *Dias* quando vislumbramos que a existência de seus personagens destitui o habitante dessa capacidade que considera a tradição e o outro como participante dos mesmos interesses (PINHO, 2011, p. 184).

Suas vidas, portanto, colidem assim como colidem, entre si, as imagens da modernidade.

O habitante da Metrópole moderna, incessantemente submetido a "vivências de choque" (Chockerlebnisse), impactos que têm de aparar aguçando o máximo de sua consciência, vive por reflexos e não tem tempo para formar a sua experiência, um eidos de vida, uma imagem de si" (PINHO, 2011, p. 182).

Patrícia tomada por um estado de desespero, após ser deixada grávida por seu namorado dirige imprudentemente e provoca um acidente. Laura, que acabara de iniciar um processo longo e doloroso de divórcio é quase atropelada e assiste, assim como Paulo que agora não pode mais ver sua filha, uma criança ser atropelada. Há aqui uma sequência de fatos que ocorrem quase que ininterruptamente. "O mover-se através do tráfego implica uma série de choques e colisões para cada indivíduo. Nos cruzamentos perigosos, inovações fazem-no estremecer em rápidas sequências, como descargas de uma bateria" (PINHO, 2011, p. 181).

É preciso lembrar que para Benjamin as grandes cidades nos obrigam a um novo tipo de relação existencial. Aquela experiência mais profunda, repassada por gerações através da comunhão de espaços e atividades comuns, agora dá lugar a uma vivência apressada, solitária, superficial. Como metáfora disso o filósofo opõe as figuras do Narrador e do Romancista. Para ele "o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. O romancista segrega-se. A origem do romance é o indivíduo isolado (...)" (BENJAMIN, 1994b, p. 201).

Considerando as peculiaridades da vida moderna e suas imbricações com um mundo que busca superá-la com qualquer coisa que lhe pareça "pós" (moderno, humano etc); e isso em uma região marcada por um tipo de modernidade que ainda nem se

estabeleceu completamente (HALL, 2006), determinar uma cidade como legatária apenas de uma única forma de representação, singularizada em sua identidade por premissas emprestadas de um senso comum que muitas vezes mais a reduz do que a engradece, talvez seja o grande desafio contemporâneo de quem vive de produzir e reproduzir imagens a partir desse *locus* tão múltiplo como o é a região Amazônia e suas cidades.

O filme de Fernando Segtowitz tenta exatamente fugir a essas tentativas de redução, de singularização do que é múltiplo. Se coloca como uma narração fragmentada, talvez admitindo como em Benjamin (1994a, 115) que “é hoje em dia uma prova de honradez confessar nossa pobreza” de experiências. Experiências que na cidade moderna cada vez mais dão lugar às vivências momentâneas, rápidas, efêmeras, captadas, por exemplo, pelo fragmento temporal de um simples olhar pela janela de um ônibus, em uma avenida movimentada, onde os passantes vistos nunca mais serão novamente encontrados; ou mesmo por uma colisão congelada na mudança de cor de um semáforo qualquer, como no filme de Segtowitz.

O objetivo do curta metragem, portanto, é convidar belemenses e não belemenses a ver o filme e a perceber através dele essa cidade que teima em se esconder e ser escondida por uma ideia de Amazônia que é transbordada para além de suas matas e que acaba por preencher também o imaginário cidadão da “principal” cidade amazônica. Em última análise, que confessa sua pobreza de experiências não para resignar-se diante de um mundo moderno, cruel e superficial, mas para com ele recomeçar e construir algo de novo (BENJAMIN, 1994a).

A INVISIBILIDADE URBANA

O filme cria a possibilidade de se discutir e construir efetivamente um novo modo de percepção da cidade de Belém. *Modus* evidenciado logo no *take* inicial do curta-metragem de Segtowitz. Ali, a vista panorâmica não revela o rio ou o mercado do Ver-o-Peso (típicos cartões postais da cidade), mas uma de suas avenidas mais movimentadas, evidenciando de saída a intenção do diretor em representar a sua cidade a partir de uma ótica realmente urbana, talvez algo que na Belém de hoje faça muito mais sentido para ele.

Os maiores motivos especulados aqui, para justificar a baixa quantidade de produções realizadas sobre a região com o viés “pós-moderno”, são o esforço em evitar

uma possível negação dos aspectos tradicionais da Amazônia belemense, as múltiplas temporalidades presentes na região e o autoreconhecimento que carece de autoafirmação. No filme, por exemplo, não há a intenção de negar o Ver-o-Peso (representando aqui todo o estereótipo que se tem sobre Belém e a Amazônia), mas explicitar um outro aspecto, pouco presente nas representações feitas desta região, que de certa forma, é muito mais coerente com a realidade que se tem nela, devido a expansão da urbanidade.

O filme aponta para uma cidade que como qualquer outra grande capital possui desilusões, abandono, tragédias, desespero, etc. "No início, o conceito maior era ter quebra nessa imagem que sempre se tem de Belém. O princípio básico de 'Dias' era mostrar a cidade de um outro ângulo, outro olhar" (SEGTOWICK, 2005). Há claramente, portanto, um propósito de produzir novas formas de percepção, de mudar a perspectiva discursiva e enveredar-se por outros caminhos narrativos. Por isso o filme não se prende a mera descrição da cidade, mas sim ao modo de vida que ela passa a produzir dentro do contexto contemporâneo.

A cidade de Belém possui diversos tempos, evidenciados, inclusive na arquitetura das igrejas, nos casarões e nos edifícios. Em cada um, um estilo diferente, da *Belle Époque* aos dias atuais, marcados e marcando pelo que possui de mais representativo em si mesmo.

“Nós vivemos vários tempos na Amazônia, é esse que é o nosso problema, nós vivemos o tempo mítico, nós vivemos o tempo pré capitalista, nós vivemos o tempo capitalista tradicional, e nós vivemos a sociedade pós moderna, o tempo da sociedade pós moderna”. (PINHO e PIRES, 2015)⁹

As múltiplas temporalidades na cidade de Belém geram o terceiro problema, um auto reconhecimento carente de firmeza, que ora apóia-se na tradição, ora na modernidade, na maior parte do tempo recorre ao passado, nostálgicamente para ter algum sentido mais familiar, que lhe traga mais segurança, pois as impressões rotuladas da Amazônia se propagaram na história e foram enraizadas no imaginário popular provocando uma sensação de familiaridade com a ideia de tradição, o que de certa forma o urbano não remete, muito pelo contrário. Pensar no urbano retira do sujeito cidadão, agora descentrado (HALL, 2006), aquilo que para ele mais lhe confere

⁹ Fala de Ernani Chaves pós-doutor em Filosofia e professor na Universidade Federal do Pará, no documentário *Fisionomia Belém* que trata a cidade com o olhar voltado para os arquétipos que configuram Belém como uma cidade contemporânea.

distinção e identidade. É como se a confissão, por si só, de que certas experiências coletivas não mais são possíveis na grande cidade moderna pudesse transformá-lo (o cidadão) em algo como um não-ser. Ou talvez porque saiba que de algum modo

onde há experiência no sentido estrito do termo, entram em conjunção, na memória, certos conteúdos do passado individual com outros do passado coletivo. Os cultos, com seus cerimoniais, suas festas [...] produziam reiteradamente a fusão desses elementos na memória. Provocam a rememoração em determinados momentos e davam-lhe pretexto para se reproduzir durante a vida toda (BENJAMIN, 1991 *apud* GATTI, 2008, 132).

É relevante evidenciar esse estranhamento e relacioná-lo a algumas características da cultura paraense porque, sabe-se, ela agora também apresenta aspectos da “pós-modernidade”. A urbanidade por aqui toma outra proporção desde o final do século XIX com o *boom* da borracha (CRUZ, 1973). É um processo longo, mas que ainda segue em marcha provocando tensões entre as ideias de “local” e “global”, entre tradição e modernidade. Por outro lado, sabe-se, há uma auto-concepção amazônica/belenense que parece tão frágil, tão superficial, que por isso mesmo precisa constantemente remeter-se a um passado glorioso: “A época da borracha” (sic) ou a tradição cabocla e ribeirinha.

AS NOVAS REPRESENTAÇÕES

Pinho (2011) defende que o curta mostra uma cidade mais contemporânea, diferentemente do regionalismo marcante de outras produções locais, e que por isso provoca encanto e estranhamento, pois há uma fuga dos aspectos míticos, religiosos, culturais, folclóricos e históricos. Características hipnotizantes exatamente por carregarem valores que são reforçados a cada nova representação arquetípica deste espaço, mas que de certa forma também congelam o tempo, perpetuando e estereotipando a região amazônica, especialmente a cidade de Belém, em um presente perpétuo (JAMESON, 1985).

Salienta-se, no entanto, que suscitar essas discussões através do filme de Segtowick, não significa negar as formas tradicionais de representação de Belém e nem sua história. Ao contrário, o que se pretende é acrescer a elas as representações oriundas também da experiência (vivência) urbana atual, pois de forma geral, as mídias calam o homem, não a figura cabocla que devido à sua estreita relação com a natureza e com os

seus costumes possui um espaço nas representações dos povos da região amazônica, mesmo que de forma homogênea, mas falo do homem que habita as áreas urbanas e se relaciona com a metrópole e o modo de vida que ela oferece, dos que passam a enfrentar os problemas sociais gerados por este contexto, o desemprego, acidentes, homicídios, suicídios, etc., que exigem narrativas que sustentem seus discurso em pilares distantes dos folclóres, uma vez que,

Discurso é uma prática social. As normas dessa prática são “regras” ou “regularidades”, dando conta de um certo número de enunciados. O enunciado vem a ser o produto do ato de enunciação, manifesto em textos através da linguagem, verbal ou não verbal. Os textos, sob os quais recaem as análises discursivas, são partes integrantes do contexto sócio-histórico e não alguma coisa de caráter puramente instrumental, externa às pressões sociais. Logo, só se completa com a fase de contextualização (LIMA, 2006 *apud* STEINBRENNER, 2007, p. 6).

Uma contextualização que considere o agora, fundamentalmente pela necessidade que há em se afirmar como habitante de uma metrópole, por possuímos particularidades que precisam ser trabalhadas em nossos discursos representativos, e da iniciativa tem que partir dos habitantes das áreas urbanas da Amazônia, afinal, a exuberância da sua natureza é esmagadora. Deve-se buscar se sobressair e se auto representar para trazer à tona discussões coerentes aos problemas cotidianos, tal como fez Segtowitz.

A reação de Segtowitz reflete em muitos aspectos alguns direcionamentos da cultura contemporânea e de suas formas de representação; essas novas formas de mostrar um lugar não negam o já existente, e sim reconhecem a possibilidade de mostrar outras faces da realidade, reconhecendo que não existe apenas uma cultura, ou alguns objetos culturais, que possam ser tomados como os específicos de determinado local e que sejam os estandartes de sua identidade. Para essa plasmação a partir do real, a cidade não seria apenas o Ver-o-peso, seriam também as ruas movimentadas, os grandes edifícios, as múltiplas vidas e interesses que habitam o lugar. (PINHO, 2009, p, 5 e 6)

Apresentar e expressar as características principais do filme, considerando prioritariamente a opção do autor em fugir dos estereótipos imagéticos e representacionais que comumente empurram os discursos e estéticas sobre a cidade de Belém para dentro da exuberância e grandiosidade natural da região amazônica é um grande desafio, representar a cidade de forma semelhante é um desafio ainda maior, que exige um exercício de leitura sobre a própria realidade, manifestada nas pequenas e

diversas ações do dia-a-dia, mas imperceptíveis devido as constantes representações (endógenas e exógenas) desta cidade e região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bem mais que um recorte da realidade, "Dias" é um filme conceitual com significações e representações. O filme se passa predominantemente à noite onde a sensação de urbanidade é potencializada, pujante, avançada, contemporânea (PINHO). Belém e seus habitantes são mostrados como indivíduos de qualquer outra cidade. Não se trata de universalização do urbano ou dos sujeitos, trata-se muito mais de verificar o quanto o *local* na Amazônia traz consigo aspectos de uma contemporaneidade que se estende pelos mais variados lugares, permitindo perceber Belém também como um ente global, ou pelo menos “glocal” (CANEVACCI, 2004).

Assim, através desses tópicos que perscrutaram conceitos inseridos no filme é possível intuir que a Amazônia e Belém não representam apenas a grande quantidade de mitos e discursos interpostos sobre elas na sociedade e na mídia e que como (futuros) publicitários não precisamos lançar mão dessas mesmas imagens o tempo todo, sem ponderar suas implicações.

A Amazônia e sua grande cidade Belém não configuram um território homogêneo. São muito mais que isso. São complexas e exigem que suas representações também o sejam.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- _____. Experiência e Pobreza. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994a. (Obras escolhidas I). p.115-119.
- _____. O Narrador. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994b. (Obras escolhidas I). p.197-221.
- Camilo, Jananina. Em busca do País das Amazonas: o mito, o mapa, a fronteira. In: ANAIS DO I SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTOGRÁFICA, 2011. Paraty: Unicamp, 2011. Disponível em: <https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simposio/CAMILO_JANAINA.pdf>. Acesso em: 27 de set. 2011.
- CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. 2 ed. São Paulo: Studio Nobel, 2004.
- CESAR, Newton. **Direção de Arte em Propaganda**. 10ª ed. Brasília: Senac, 2011.

CRUZ, Ernesto. **História de Belém**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1973. (Coleção Amazônica. Série José Veríssimo).

DUTRA, Manuel Sena. O Pará dividido: discurso e construção do Estado do Tapajós. Belém: NAEA/UFPA, 1999.

GATTI, Luciano. O ideal de Baudelaire por Walter Benjamin. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, v.31, n.1, p.127-142, 2008.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/trans/v31n1/v31n1a07.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2015, p.132.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-modernidade**. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HOFF, Tânia; GABRIELLI, Lourdes. **Redação Publicitária**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

JAMESON, Fredric. Pós-modernidade e sociedade de consumo. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 12, p. 16-26, jun., 1985.

PINHO, Relivaldo. **Antropologia, cinema e cidade: representações de Belém do Pará em Dias**. In CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 32 Curitiba, 2009. Anais... São Paulo: Intercom, 2009. 1-11. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/r4-0125-1>>. Acesso em: 05 de julho de 2018.

PINHO, Relivaldo. Experiência e estética em *Dias*. in: Antropologia e Filosofia: Experiência e estética na literatura e no cinema da Amazônia. Belém, 2011. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal do Pará.

PONTE, Romwro Ximenes. Amazônia: a hipérbole e o pretexto. 2000. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2000.

SEGTOEWICK, Fernando. Depoimento do diretor. In: Curtas paraenses. 1 DVD, 2005. Belém.

SEMINÁRIO REGIONAL DA ALAIC, 1, 2011, Belém. **A Amazônia e suas representações: dos discursos das Descobertas ao imaginário popular**. Belém: Mídia Cidadã, 2011.

STEINBRENNER, R. “Amazônia” na Fronteira entre a Ciência e a Mídia: Submissão ou Superação do Mito? In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1949-1.pdf>>. Acesso em: 02 de julho de 2018.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Brasília. Censo 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010>>. Acesso em: 20.03.2017.

DIAS. Direção de Fernando Segtowick. PA: 2000, 10 min, fic., son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DAMZh4rlNqQ>>. Data de acesso: 20.03.2017.

FISIONOMIA BELÉM. Direção de Relivaldo Pinho e Yasmin Pires. PA: 2015, 48 min, doc., son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fSILHU8XH1w>>. Data de acesso: 30.06.2018.